

# A SOCIALIZAÇÃO NO APRISCO DO SENHOR

*Elias Evangelista Gomes\**

**Resumo:** Com base em um estudo etnográfico realizado na Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra – Rua Augusta, localizada na cidade de São Paulo, pretendeu-se refletir antropologicamente sobre a socialização evangélica. A metáfora bíblica sobre o pastor e as ovelhas é o ponto de partida para pensar a dinâmica e o trabalho dos pastores evangélicos na atualidade. A visão G12, desenvolvida pela Sara Nossa Terra, leva pastores e ovelhas a vivenciarem três condições: ser pastor, ser ovelha, ser *pastor de si*.

**Palavras-chave:** Socialização. Juventude. Religião. Antropologia.

**Abstract:** Based on an ethnographic study worked out in the Evangelical Community Sara Nossa Terra – Rua Augusta, located in São Paulo, the aim of this article is to reflect anthropologically on the social evangelical (Christian) socialization. The biblical metaphor of the shepherd and his sheep is the starting point for thinking about the dynamics of the work of evangelical pastors in the present. The G12 vision, developed by Sara Nossa Terra, leads pastors and sheep to experience three conditions: to be pastor, to be sheep, to be pastor of himself.

**Keywords:** Socialization. Youth. Religion. Anthropology.

Na semana passada fui à cidade de Goiânia para proferir uma comunicação. Resolvi fazer algumas fotografias e conversar com jovens da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra daquela cidade. O tema do culto era Reggae. Passaram um vídeo e cantaram músicas de Lázaro, um cantor baiano. No vídeo, Lázaro relata sua conversão e diz: “Eu me lembro quando me converti, comecei a congregar, Jesus arrancou a maconha, arrancou a cocaína, arrancou a bebida, mas o cigarro ficou. Eu não conseguia largar o cigarro e um dia disse para aquele pastor dali, o Pastor Samuel. Eu disse: Pastor, não consigo largar o cigarro. Então eu vou dar um tempo de ser crente. Quando eu conseguir parar de fumar eu volto. Ele disse: Não, Lázaro, continua sendo crente, continua na igreja, pode continuar fuman-

---

\* Elias Gomes é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre na área de Sociologia da Educação pela Universidade de São Paulo e pesquisador do Grupo de Pesquisa sobre Práticas de Socialização no Mundo Contemporâneo (GPS-USP). Este artigo é resultado da pesquisa *Na igreja: um estudo sobre práticas de socialização juvenil*, orientada pela Profa. Dra. Maria da Graça Jacintho Setton (USP) e apoiada pela FAPESP (GOMES, 2010). O autor agradece à orientadora pelas ricas contribuições a seu trabalho, à Profa. Léa Perez (UFMG) pelo incentivo, desde a graduação, para seu aprofundamento nos estudos em Antropologia da Religião, ao Prof. Dr. Lísias Negrão (USP) por ocasião do curso *Religião e Sociedade* e às Profas. Dra. Marília Spósito (USP) e Dra. Miriam Grossi (UFSC), por ocasião do exame de qualificação, sendo de sua inteira responsabilidade os acertos e desacertos deste texto. [eliasgomesbh@yahoo.com.br](mailto:eliasgomesbh@yahoo.com.br)

do, vamos orar. Mas eu disse: “Mas, pastor, as pessoas vão falar mal do senhor”. Ele disse: “Lázaro, não tem problema. Eu arrisco meu cargo por causa de uma ovelha. [Aplausos] Existem algumas ovelhas que, para ser salvas, alguém tem que se arriscar. Alguém tem que se arriscar. Para a gente terminar, em segundo lugar, quando uma ovelha está na boca do leão essa ovelha não ora por casa grande, não que isso seja pecado, essa ovelha não pede prosperidade. Essa ovelha só ora pedindo: “Deus levanta alguém para me ajudar, levanta alguém valente me para arrancar dessa situação. Eu conheço o peso das garras do leão porque fui uma ovelha que o leão tentou acabar com minha vida, mas Deus levantou alguém com coragem para ir lá e matar aquele animal feroz e resgatar a minha vida e hoje eu estou aqui”. (caderno de campo).<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa sobre juventude e religião, com o objetivo de identificar e analisar antropológicamente as práticas de socialização juvenil contemporânea entre os evangélicos pentecostais. O trabalho de campo etnográfico foi realizado na Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, localizada na Rua Augusta, cidade de São Paulo – SP, próxima à Av. Paulista, centro turístico e econômico da cidade de São Paulo. Buscou-se investigar sobre “ser jovem e ser evangélico” e as tensões decorrentes dessa dupla condição, levantando as práticas socializadoras desenvolvidas pela instituição religiosa a que os jovens aderem ou que refutam e aquelas elaboradas pelos próprios jovens. Buscou-se compreender os conteúdos, as tensões e as estratégias socializadoras da igreja, que, para os interesses deste artigo, estarão focalizados nas práticas sociais de pastores e fiéis, simbolicamente representados, aqui, pela metáfora do pastor e da ovelha.

Visa-se responder às questões mais amplas que motivam este trabalho: Quais são as estratégias de socialização juvenil desenvolvidas na igreja? Quais as tensões nesse processo? Primeiro serão descritos os conteúdos e perspectivas gerais do programa institucional de socialização. Segundo, a reflexão se desenvolverá sobre as relações sociais entre líderes e discípulos, jovens e adultos, jovens e jovens, adultos e adultos. Essas relações são a condição *sine qua non* para que a socialização aconteça.<sup>2</sup>

Sabe-se que outras instâncias contribuem para a socialização juvenil, tais como a família, escola, mídia, grupos de amigos. Há uma série de agentes

<sup>1</sup> Cf. Lázaro. *Testemunho e louvor*. Feira de Santana (BA): Alpha Mídia, 2008. CD e DVD. Acompanha livreto. O cantor é evangélico, ex-integrante das bandas baianas Cão de Raça e Olodum. O autor deste texto assistiu ao depoimento do cantor na Sede da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra da cidade de Goiânia – GO. Ao ir a um seminário sobre gênero e sexualidade na Universidade Federal de Goiás (UFG), aproveitou para visitar o templo da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra daquela cidade com o objetivo de ampliar suas percepções acerca dessa comunidade e promover um exercício de familiarização e estranhamento.

<sup>2</sup> Utiliza-se a idéia de socializador e socializando, em perspectiva próxima a de educador e educando, orientador e orientando, visto que o gerúndio é também um recurso linguístico que pode indicar a idéia de processo em andamento.

que permeiam a capacidade dos jovens aderirem ou não aos princípios cristãos e eclesiais. Há experiências sociais vivenciadas por eles oriundas de outras temporalidades, espaços e instâncias que podem influir no formato de relação social estabelecida.<sup>3</sup> Nesta etnografia buscou-se observar mais diretamente os seguintes agentes envolvidos na socialização juvenil: a) jovens; b) líderes de jovens e c) pastores e bispos da Sara Nossa Terra – Rua Augusta, essas duas últimas categorias de *status* são compostas por adultos.<sup>4</sup>

Nesse sentido, buscou “trazer à tona” os conteúdos dos princípios propostos pela igreja. Por sua vez, os princípios, ao serem agrupados, constituem parte significativa do programa institucional de socialização da Sara Nossa Terra. Segundo, François Dubet (2002) um programa institucional de socialização é sempre um construto típico-ideal e polissêmico, informando que

não designa um tipo de organização nem um tipo de cultura, mas um modo de socialização, para ser mais preciso, um tipo de relação com o outro, que o professor, o sacerdote ou o médico tentam por em prática com seus alunos, seus fiéis ou seus pacientes. Este programa institucional forma parte de uma concepção geral da socialização e apresenta características suficientemente estáveis (...). 1) este programa considera que o trabalho sobre o outro é uma mediação entre os valores universais e os indivíduos particulares; 2) afirma que o trabalho de socialização é uma vocação, porque se encontra diretamente fundado em valores; 3) este programa crê que a socialização está orientada a inculcar normas que configuram ao indivíduo e simultaneamente o tornem autônomo e “livre” (p. 22). “o declínio do programa institucional faz emergir novas formas de dominação e de controle” (p. 25). “O programa institucional se funda sobre valores, princípios, dogmas, mitos, crenças laicas ou religiosas, mas sempre sagradas, sempre situadas na evidência da tradição ou meros princípios de utilidade social.” (p. 35) **(tradução do autor)**.

<sup>3</sup> Os termos *princípios, noções, práticas, visão*, dentre outros, serão acompanhados pelos adjetivos “cristão” e “eclesial”. Para efeitos desta reflexão, os *princípios cristãos* são aqueles oriundos da bíblia. *Princípios eclesiais* são aqueles que, em certa medida, estabelecem conexões com a Bíblia, mas que são produzidos pela própria igreja, ou seja, pela Eclésia (etimologicamente derivado de *Ekklesia*, termo grego, que faz referência à assembleia popular da democracia grega-antiga). Esses últimos princípios derivariam de interpretações bíblicas e não exatamente da reprodução literal do conteúdo bíblico. Alguns tensionamentos surgem das questões: o que é *princípio cristão* (legítimo e inquestionável) e do que é *princípio eclesial* (produção humana e passível de questionamento)? Ricardo Gondim (1998), pastor da Igreja Assembléia de Deus Betesda, escreveu um livro provocativo com o título: *O que a bíblia permite e a igreja proíbe*, argumentando que muitas doutrinas e “visões de mundo” das igrejas são produções humanas (eclesiais) e não, exatamente, bíblicas. Para todos os efeitos, cabe informar que o termo cristão, utilizado aqui, representa apenas sujeitos evangélicos, pois, na representação nativa, há resistência de se incluir na categoria “os católicos e demais vertentes do cristianismo”. As razões podem ser variadas, mas se relacionam à idéia de que o cristão deve ser coerente com a Bíblia e, por exemplo, adorar santos seria uma prática não bíblica, consequentemente, não cristã. Por vezes, os próprios evangélicos não são considerados cristãos, pois para serem reconhecidos nessa categoria devem se aproximar de um tipo ideal de sujeitos seguidores da “essência bíblica” ou das interpretações eclesiais, não se referindo exatamente àqueles que dão adesão institucional ao cristianismo ou às igrejas evangélicas.

<sup>4</sup> Como se tem observado ao longo da trajetória de pesquisa e trabalho com a temática juventude, são recorrentes nos informantes adultos com base em questionamentos realizados sobre a condição juvenil dos jovens, a afirmativa de os sujeitos adultos serem também, por exemplo: “sou jovem, apesar da idade”, ou “tenho o espírito jovem”, reforçando a idéia de juventude como desejo, fetiche, como símbolo positivo.

Ao longo do trabalho de campo e da análise dos dados tornou-se perceptível o fato de líderes de equipes, pastores e bispos estarem localizados em uma das centralidades da socialização juvenil. Para responder às indagações de pesquisa (não, exatamente, hipóteses) foram analisadas as relações sociais ocorridas no interior da hierarquia eclesial.

#### NO APRISCO DO SENHOR<sup>5</sup>

O termo pastor origina-se da metáfora: pastor de ovelhas. Há uma passagem bíblica, relevante para os evangélicos, que relata a história ocorrida em um ambiente rural, no qual um pastor perde uma de suas ovelhas e sai à sua procura até encontrá-la. Pretende-se resgatar-lhes essa história – nesta versão, atualizada, com sotaque mineiro e certa dose de humor, assim como é narrada de outras maneiras em situações de culto, pregação, discipulado – pois se entende que, com base nela, é possível estabelecer algumas conexões de sentido com as práticas socializadoras vividas na igreja.

#### Historinha

Estava lá o pastorzinho, cuidando de suas cem ovelhas, quando, de repente, ao contá-las percebe algo diferente. Assustado, diz: “Uai, falta uma. Gente! Não é mesmo, falta uma. Onde é que essa menina foi parar?” O pastorzinho, mais que de pressa, juntou as noventa e nove restantes no aprisco e saiu a procura da ovelha sumida. Procurou, procurou, nada de achar. Procurou, procurou, até encontrar. Encontrou-a gemendo e tremendo de frio, suja e maltrapilha. E falou para ela: “Aqui, minha filha, não fica assim, não, é gente cuidando de gente. Aqui, vamos embora comigo!”. O pastorzinho, mais que depressa, cuidou de suas feridas, limpou-a, colocou-a nos ombros e levou-a de volta ao aprisco para junto das suas irmãzinhas. Ao chegar lá, disse: “agora você está boazinha, ‘faz um jóia’” (versão do autor deste texto).<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Há uma tradicional canção evangélica que ilustra de modo emblemático a relação estabelecida entre o pastor e suas ovelhas, baseada no texto bíblico que se encontra no livro de Ezequiel, capítulo 34, versículo 12. A canção de Oséias de Paula, bastante conhecida no contexto evangélico, diz: “Eram cem ovelhas, juntas no aprisco / Eram cem ovelhas que amante cuidou / Porém numa tarde, ao contá-las todas / Lhe faltava uma, lhe faltava uma e triste chorou / As noventa e nove deixou no aprisco / E pelas montanhas, a buscá-la foi / A encontrou gemendo, tremendo de frio / Curou suas feridas, pois logo em seus ombros / E ao redil voltou / Essa mesma história, volta a repetir-se / Pois muitas ovelhas, perdidas estão / Mas ainda hoje, o Pastor Amado / Chora tuas feridas, chora tuas feridas, e quer te salvar”. Há ainda uma forma humorística de cantar essa música fazendo a contagem regressiva no ponto que se refere às “noventa e nove” ovelhas. Assim: “As noventa e nove, as noventa oito, as noventa e sete, as noventa e seis, (...), as cinqüenta, (...) as trinta e cinco (...)”. Em geral, as próprias pessoas que a cantam, nesta versão, se irritam com a repetição e desistem no meio da cantoria. É importante lembrar que esse tipo de utilização humorística da música é realizado, sobretudo, por jovens e em momentos descontraídos tais como festas, viagens, passeios. Não só na Sara Nossa Terra, mas também em outras denominações evangélicas (pentecostais ou tradicionais – termos nativos).

Nesse sentido, o pastor cristão é compreendido como aquele que cuida das pessoas, dos evangélicos, dos fiéis, ou seja, das ovelhas. A igreja é entendida como um grande rebanho de pessoas que compartilha o mesmo aprisco sagrado, noções e práticas, o que Peter Berger (1985) chamaria de *dossel*, um *nomos* que acolhe os indivíduos e permite atribuir significações às experiências sociais. O pastor evangélico não é considerado o dono das ovelhas, pois o “único” dono seria Deus. Por seu compromisso com o sagrado o pastor busca cuidar do rebanho para seu legítimo dono como se fossem suas. Ao perder uma ovelha pode ser colocado em situação de constrangimento diante do dono, especialmente, ser considerado infiel e desobediente ao compromisso de cuidado assumido.

Caro leitor, permita-me apresentar a sinopse do filme *Babel*, um drama sobre as teias que configuram formas de relações afetivas, sociais e políticas entre sujeitos nos diferentes cantos do mundo, há um episódio em que uma babá mexicana, sem ter com quem deixar o casal de filhos de seus patrões norte-americanos que haviam viajado, resolve levar as crianças ao casamento de seu filho no México. Ao voltar, é barrada pela polícia de fronteira e seu sobrinho, condutor do carro, acelera e foge da barreira. O jovem sobrinho deixa a tia com as crianças no deserto. Desesperada, a babá sai à procura de ajuda e perde as crianças. Ela e as crianças são encontradas. As crianças voltam à casa dos pais e a babá é deportada. Em sua penúltima cena a babá diante da imigração diz o que havia ocorrido, mas que amava aquelas crianças como se fossem suas filhas, mesmo assim lhe é negado pelos pais e pelos Estados Unidos da América a permanência no posto de trabalho e no país. (caderno de campo).

O trabalho pastoril se resume no esforço de manter as ovelhas no aprisco e sob um universo de símbolos sagrados. Demanda-se do pastor ousadia em criar condições de permanência das ovelhas ao alcance do seu cajado. Contudo, possíveis inovações e ousadia não podem chegar ao descontrole, como no caso da babá mexicana, que, ao tentar manter as ovelhas

<sup>6</sup> O sotaque mineiro na tradução literal seria: “Uai, farta uma. Gente, né mês, falta uma. Ondjé que essa menina foi pará?”, “Aqui, mha fia, num ficassinão, é gente cuidan di gente. Aqui, vumbora cumigo”, “agô cê tá boazin, ‘faz um jói’”. As frases “gente cuidando de gente” e “faz um jóia”, fazem referência a um candidato, evangélico, a prefeito na cidade de Belo Horizonte – MG. A fim de se destacar na campanha eleitoral, reforçou seu sotaque e utilizou esses slogans, que podem ser apropriados como *insights* para os interesses deste estudo. Esse formato de campanha agregou votos o levando ao segundo turno das eleições. Porém, um artista famoso, apoiador de seu adversário, em vídeo disponibilizando na internet, ironizando suas frases de efeito desconstruiu sua estratégia, o chamando de mau ator. O que tinha atraído votos foi desconstruído tornando-se piada entre a população, contribuindo para sua derrota no segundo turno. Mais ainda, reforçando o preconceito sugerido pelo candidato vitorioso de que “não” era “confiável deixar R\$ 6 bilhões” de orçamento sob administração de um jovem político de “33 anos”. A população da cidade, principalmente os jovens, passou a utilizar as frases de efeito do candidato evangélico em brincadeiras e zoações em bares, portas de igrejas, escolas etc. No momento em que escrevi essa história estava muito tocado por essa situação eleitoral de minha cidade e pelas piadas criadas por meus jovens amigos mineiros que vinham a São Paulo. Talvez revele, aqui, minha jovialidade ao exemplificar que a relação entre pastor e ovelha é de “gente cuidando de gente” e de que sempre no final da história bíblica há a tendência de que todo mundo “faz um jóia”. Enfim, essas frases de época, cada vez mais, costumam sumir em pouco tempo, o registro em texto pretende torná-las significativas por mais tempo, pelo menos para os mineiros.

juntas, diante de suas necessidades pessoais, ousa tanto que acaba as desperdando ou invertendo princípios do trabalho.

Baseando-se nas observações de campo, percebe-se que esse tipo de trabalho pastoril “gente cuidando de gente” também é atributo dos demais evangélicos “chamados” a desenvolver um trabalho evangelizador. O evangélico deve levar para junto da comunidade de fiéis o máximo de pessoas possível, deve cuidar para que elas permaneçam na igreja “por longos dias” e que repliquem com tais pessoas o processo socializador desenvolvido com eles mesmos. Cuidar, proteger, alimentar, juntar, procurar, limpar, curar e carregar são atributos do ofício pastoril para todas as gerações de cristãos evangélicos.

Desde crianças ou desde a conversão, os evangélicos são “chamados” a desenvolverem o papel de ovelhas, de viver sob a condução de um pastor ou líder. Além disso, são “chamados” a viver juntos com as outras ovelhas, com as demais pessoas que compartilham a mesma fé ou símbolos próximos. Seguir, acompanhar, compartilhar, obedecer são ofícios demandados às pessoas cristãs que se dispõem a uma relação de fé com o Sagrado, mediada pela relação entre pastor e ovelha.

A condição de pastor e a condição de ovelha são dois registros da experiência do crente que se entrecruzam. Se, por um lado, existem na estrutura eclesial as funções de pastor e ovelha, na qual o pastor é o administrador da igreja e responsável por momentos centrais dos cultos e a ovelha é aquela que segue e obedece, por outro lado existe a demanda de que os evangélicos, independente de sua posição na hierarquia do grupo, desenvolvam concomitantemente os ofícios de pastor e ovelha. Essas funções devem ser desenvolvidas tanto pelo bispo, pastor, líder de jovem, jovem líder, ou seja, por todas as pessoas cristãs, independente do ciclo da vida, do gênero, da condição econômica.

#### A VISÃO G12 NA SARA NOSSA TERRA<sup>7</sup>

A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, localizada na Rua Augusta, é a sede dessa denominação no Estado de São Paulo. A sua frente está um casal de bispos (um bispo e uma bispa), pastores da rede de adultos e da rede de jovens (homens e mulheres, heterossexuais, geralmente casados). Além disso, são assessorados por líderes que ainda não foram consagrados pastores – chamados aqui de “líderes de jovens” – mas que desen-

<sup>7</sup> De acordo com a Revista Enfoque Gospel, publicação evangélica, o modelo G12 foi criado pelo pastor colombiano Cezar Castellanos Dominguez em 1991, após visita a um sistema similar adotado nas igrejas coreanas sob liderança do Pr. David Yonggi Cho. O movimento de igrejas em células no modelo dos Doze, ou simplesmente G12, propõe uma forma de multiplicação do número dos membros da igreja, tal qual a multiplicação celular. A

volvem atividades muito semelhantes àquelas desenvolvidas pelos pastores já consagrados e, até mesmo, pelos bispos.<sup>8</sup>

Nesse sentido, tornou-se perceptível a intenção da igreja de criar práticas bastante semelhantes entre os pastores, bispos e líderes, mesmo mantendo uma estrutura bastante determinada e piramidal. O prestígio do cargo e a posição na hierarquia eclesial modificam o tipo de contato que os líderes da igreja têm com os fiéis. As pregações, condução de cultos, orações, “ministrações da palavra” (sermão) podem ser realizadas por qualquer um desses agentes. Contudo, a fim de respeitar o tempo de formação de cada líder, pastores e bispos são mais requisitados na transmissão da “palavra”.

O casal de bispos da igreja estudada, por exemplo, tem pouco contato com os jovens e demais fiéis da igreja, resumindo-se à participação nos cultos, visto que, além do tempo investido na administração da igreja no Estado de São Paulo, bem como na participação no conselho nacional de bispos, são demandados para viagens às cidades do interior, outros estados e eventos. O casal de bispo é discípulo do casal de bispos presidentes da Sara-Brasil, ou seja, desenvolvem o ofício de ovelhas dos bispos fundadores e líderes nacionais da denominação. Na mesma visão, são os pastores dos pastores da Sara paulista. Além disso, na *visão G12*, o casal de bispos conduz doze casais discípulos que são suas ovelhas, constituindo uma engenharia de crescimento da igreja, estratégica para a socialização dos diferentes segmentos de fiéis: adultos, jovens, crianças, empresários, dentre outros.

Cada casal de discípulos – ovelhas – dos bispos da Sara-Rua Augusta reproduz a mesma visão para mais doze discípulos, ou seja, até esse ponto são 144 pessoas envolvidas. Os pastores e líderes de jovens observados e entrevistados para essa pesquisa – três pastores (dois homens e uma mulher) e três líderes (duas mulheres e um homem) – são “doze” (e outros sinônimos: discípulos, diretos, timóteos, ovelhas) dos bispos da igreja que desenvolvem ofícios pastoris junto aos jovens. Os bispos realizam com es-

---

igreja é pensada de modo que pequenos grupos se reúnam em casas para estudos bíblicos e reúna pessoas para aderirem à visão da igreja. Assim que se atinge um número de vinte e quatro membros, a célula é dividida em duas de doze membros e deverá atingir o número de vinte e quatro para se dividir novamente e assim sucessivamente. O movimento chegou ao Brasil em 1998 por meio do Pr. Rennê Terra Nova. Posteriormente, o Bp. Rodovalho, fundador da Sara Nossa Terra, abraçou o modelo do G12.

<sup>8</sup> Há pelo menos dois usos correntes para a noção de *consagração*: “uma pessoa em consagração” quer dizer que ela está mais próxima do projeto pregado na igreja e aquele presente na bíblia, uma pessoa que tem uma vivência de devoção diária. O segundo uso refere-se aos pastores que passaram pelo ritual de *consagração*, momento em que o sujeito deixa a condição de fiel, passa a ter reconhecimento institucional da comunidade de fiéis que o torna pastor, atribuindo-lhe responsabilidades condizentes ao ofício de pastor. Deve-se acrescentar a este segundo uso a auto-consagração. Essa categoria é formada por fiéis que se auto-intitulam pastores e formam “suas igrejas”, recorrentemente, a partir de cismas pouco teológicos e mais relativos às disputas de poder dentro da denominação ou em um templo específico. Parte da multiplicação de templos e denominações pentecostais nos bairros e cidades brasileiras é originada desse tipo de cisma (GOMES, 2006).

ses pastores e líderes reuniões coletivas (discipulado coletivo), conversas pessoais (discipulado individual), com o objetivo de cuidar, proteger, alimentar, juntar, procurar, limpar, curar e carregar seus doze discípulos, assim como apresentada na metáfora do pastor e da ovelha. Há um esforço cotidiano entre pastores e líderes de jovens de se apropriarem das mesmas estratégias e ofícios para reproduzirem com seus discípulos. O mesmo é ensinado aos fiéis para que repliquem as mesmas ações e conteúdos de acordo com as necessidades dos seus doze discípulos.

Porém, a *visão G12* é uma perspectiva, havendo pastores e líderes que têm mais e outros, um número menor que doze discípulos, o mesmo ocorre com os jovens líderes. Trata-se de uma perspectiva, que, no caso da alta hierarquia da Igreja, funciona mais do que nos casos dos jovens. Nem todos os jovens conseguem ter doze discípulos, para chegar à meta de “1728 e assim por diante”, pois há de se considerar a dificuldade de recrutar mais gente para a igreja. Em geral, os bispos trabalham menos com novos evangélicos do que os pastores e líderes, pois o trabalho eclesial de discipulado é realizado por eles, quase sempre é voltado para pessoas que já estão socializadas em muitos dos princípios cristãos e eclesiais.<sup>9</sup>

## OS DESAFIOS

Nas mensagens, tanto aquelas proferidas em cultos, como aquelas ditas na evangelização e no discipulado, há algumas máximas originadas de ditos populares, passagens e títulos de livros escritos por conferencistas, pastores e bispos evangélicos ou mesmo por profissionais de áreas como psicologia, marketing e administração de “recursos humanos”, dentre outras.<sup>10</sup> Essas máximas (frases de efeito) resumem o conteúdo das mensagens e os valores a serem transmitidos aos fiéis. É comum líderes dizerem aos seus discípulos que “o mais importante não é começar bem, mas terminar bem”. Essa frase tem como finalidade explicar que o fato de a pessoa

<sup>9</sup> Usa-se o termo “trabalho eclesial”, numa tentativa de aproximação das noções nativas, que refutam o termo “religioso”. Contudo, considera-se que, para efeitos de análise, o estudo de Bourdieu sobre o “trabalho religioso”, bem como as descrições de Weber (1999) sobre agentes da religião ajudam a pensar as mediações entre o sagrado e o crente, entre pastor e fiel, em especial, compreender os pastores como agentes da socialização em conexão com as produções de Peter Berger, sobre o processo de construção social da realidade. Em certa medida, leituras conflitantes, mas complementares na produção de *insights* teóricos.

<sup>10</sup> O culto, como reunião com a presença de fiéis, visitantes, pastores (e Deus como aclamado sempre no início do evento) é um ritual dividido em pelo menos duas partes importantes: a) momento de músicas (louvor), b) momento de sermão (palavra, mensagem, pregação). O evangelismo é uma situação em que os fiéis buscam convidar novas pessoas para a igreja; trata-se de um trabalho militante em ruas, casas, ambiente de trabalho etc., em que transmitem, em algumas poucas palavras (em doses compactadas ou homeopáticas), os conteúdos cristãos e eclesiais. O discipulado é um formato de relação entre fiéis posicionados em lugares diferentes da hierarquia eclesial, havendo um líder que socializa (discípula) o discípulo (Timóteo, direto), nas ocasiões em que esses sujeitos se encontram para compartilhar dificuldades, realizações e os princípios contidos no programa de socialização da igreja.

viver um problema, um vício, uma crise existencial, uma condição social não quer dizer que ela está “condenada” a viver na mesma condição para sempre. Nesse sentido, os líderes buscam contrapor um possível argumento dos discípulos que possa, por acaso, essencializar os problemas experimentados, numa afirmação típica “sempre fui assim, não tem jeito de mudar”.

Não importa se a pessoa sempre foi um filho ou filha com “maus comportamentos” ou se desvia da visão de ser líder na perspectiva da igreja ou se a pessoa iniciou os exercícios do sexo antes do casamento, uma relação afetiva fora dos princípios sociais, cristãos e eclesiais ou se gosta de fazer sexo com pessoas do mesmo sexo ou se fuma, como no caso de Lázaro citado na epígrafe, visto que o mais importante é ela buscar alternativas para viver outra condição de vida. Enfim, na visão da igreja o mais importante é que o jovem, mas também os evangélicos de modo geral, cheguem à condição social de bom filho, bom líder, boa ovelha, criadores de relacionamentos afetivo-sexuais dentro do agendamento sugerido. Assim, interessa menos à igreja quais foram as “batalhas” vividas pelas pessoas antes da conversão do fiel, mas as possíveis “vitórias” que elas possam conquistar a partir desse evento. Ou seja, o que conta é vencer permanentemente os novos desafios.<sup>11</sup>

Nesse sentido, os conteúdos das “Tábuas da Lei” (dez mandamentos) presentes no *Velho Testamento* bíblico, foram renovados não apenas com o conteúdo do *Novo Testamento*, mas, sobretudo, por novas interpretações bíblicas, possíveis a partir da Reforma Protestante. No contexto estudado, essas novas interpretações bíblicas apresentam interseções com uma literatura técnica (teológica ou não). Por um lado, esses conteúdos contribuem para atualização dos conteúdos bíblicos (sem refutar o que está na bíblia). Por outro, os métodos propostos por essa literatura contribuem para o “fazer cristão” e seu estilo de vida contemporâneo, além disso, objetiva tornar os ensinamentos bíblicos acessíveis a um número maior de pessoas e, assim, “arregimentar” mais fiéis.

Os conteúdos e métodos propostos nesta “literatura técnica” são conectados aos princípios bíblicos, por exemplo: um dos princípios bíblicos mais valorizados, que pauta a vivência cristã desde os seus primórdios, é uma máxima do personagem bíblico de Jesus Cristo no livro bíblico *Marcos 16:15*: “Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura”. Esse “novo mandamento”, “ser povo de Deus” não está restrito a alguns escolhidos, a um povo determinado, como acontece no judaísmo. Esse versículo bíblico é, portanto, fonte inspiradora da vida cristã. Os sujeitos empenham-

---

<sup>11</sup> Os líderes da igreja utilizam, além da própria Bíblia, conteúdos de dicionários bíblicos, livros de psicologia e filosofia em suas mensagens, aconselhamentos, discipulados. Há predominância da “psicologização social e clínica” nos conteúdos e práticas, reconhecidas, inclusive por alguns dos entrevistados. Contudo, diante de nossas limitações de interesse e teóricas não daremos ênfase a essa discussão. Essa perspectiva de um discurso secular, psicologizante, também é identificada por Duarte (2004) no caso do catolicismo.

se para espalhar a mensagem bíblica e a fé cristã a todas as pessoas, independente de sua nacionalidade, cor, gênero, condição econômica, social e sexual.

Os programas de TV evangélicos e a criação de inúmeros templos, para além de outras possíveis interpretações e fatos, não perdem de vista esse princípio. Numa sociedade de comunicação em massa demanda-se uma evangelização em massa. No entanto, a Sara, ciente dos limites da comunicação de massa, e até mesmo pelas dificuldades de acessá-la, investe na multiplicação dos fiéis por meio de sua base social, sendo a *visão G12* o método de trabalho viabilizador do cumprimento de sua missão eclesial.<sup>12</sup>

Nessa dimensão o “ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura” da Sara tem o jovem como um dos principais sujeitos desse “ide”. O mundo do “ide da Sara” para o jovem é a sua casa, seu ambiente de trabalho, escola, espaços de sociabilidade e lazer, o bairro de moradia e a própria região da Av. Paulista e Rua Augusta onde se localiza o templo. “Toda criatura” do “ide da Sara” são os familiares, os colegas e amigos dos ambientes de convivência e os transeuntes do centro turístico da cidade.<sup>13</sup>

Os relacionamentos familiares são um dos temas mais trabalhados nos cultos e discipulados. Os jovens são incentivados a levarem seus pais, mães e amigos à igreja para visitas e possíveis conversões. Para além de “levar mais pessoas ao céu” e cumprir o princípio do “ide”, a igreja deseja que a família e os amigos se convertam para haver maior sinergia e coerência entre os projetos de socialização que essas três instâncias projetam para os jovens:

Lahire afirma que entre a família, a escola, os amigos e/ou as múltiplas instituições culturais com quem ou em que a criança e o jovem são levados a conviver, apresentam-se situações heterogêneas, concorrentes e às vezes contraditórias, no que se refere aos princípios da socialização. A coerência dos esquemas de ação que os indivíduos podem interiorizar depende, portanto, da coerência dos princípios de socialização a que estão submetidos. Desde que um indivíduo esteja simultânea e continuamente no seio de uma pluralidade de mundos sociais, não homogêneos e às vezes contraditórios, ou no seio de universos sociais relativamente coerentes, mas apresentando em certos aspectos contradições, ele está exposto a um estoque de

<sup>12</sup> A Sara – Brasil tem um programa de contribuição financeira, chamado *Parceiros de Deus*, que objetiva financiar a compra de rádios e canais de TV para divulgar o evangelho. Possui um canal e uma rádio chamados *Gênesis*; a outra parte dos recursos é aplicada em assistência social. Em São Paulo, por exemplo, financia um pequeno orfanato.

<sup>13</sup> Considerando que na cidade de São Paulo há outras centralidades além do centro antigo e mesmo do centro econômico da Av. Paulista. Considera-se que a região da Av. Paulista e Rua Augusta é um centro turístico da cidade de São Paulo. Trata-se de uma espacialidade bastante visitada por turistas de final de semana. Consideram-se turistas aqueles que saem de outras cidades e vêm a São Paulo, mas, também, paulistanos que moram em outras localidades e que têm nessa região um espaço de lazer e fruição; entre esses turistas podem-se incluir aqueles jovens que esporadicamente vão à Sara Nossa Terra na Rua Augusta, em suas festas, eventos, cultos, a fim de realizarem um programa de lazer e fé diferente daquele realizado em suas igrejas locais.

esquemas de ação não homogêneos, não unificados, e conseqüentemente a práticas heterogêneas, variando segundo o contexto social que será levado a valorizar. (SETTON, 2005).

O processo de socialização contemporâneo ocorre num ambiente de interdependência das instâncias socializadoras (família, religião, escola, mídia e grupos de amigos). As estratégias e conteúdos da socialização jovem nessas instâncias oscilam entre a convergência e a divergência. A igreja, ciente de que os jovens são formados por diferentes instituições, empreende uma disputa pela totalidade da socialização, a fim de que haja mais aspectos convergentes que divergentes. Assim, sem que os agentes e agências da socialização compartilhem princípios e estratégias, torna-se mais difícil (divergente) a socialização pelo viés cristão e eclesial. Por essa razão, “converter” a família, incentivar o acesso aos conteúdos midiáticos baseados nos mesmos princípios, bem como criar aberturas e resistências para conhecimentos escolares pode tornar mais bem sucedida a socialização juvenil e, conseqüentemente, reduzir as tensões existentes em tal processo.

Tanto nos cultos como nos discipulados individuais, os fiéis a serem líderes em todas as áreas da vida, tanto espiritual como secular, devem ser bem sucedidos na vida profissional, escolar, familiar, em todos os aspectos. Por exemplo, ser líder na vida afetiva é dominar os desejos e os prazeres sexuais reservados ao casamento e delimitados por um gosto afetivo-sexual por pessoas do sexo oposto. O líder (o cristão) deve ter “domínio próprio”, ou seja, impor os princípios bíblicos e eclesiais no seu estilo de vida e experiências sociais.

Nessa perspectiva, os pastores, líderes de jovens e jovens líderes buscam construir, de forma mais ou menos sigilosa junto aos seus discípulos, estratégias para que os “aprendizes” tenham uma boa profissão e emprego, “sucesso escolar”, relações afetivo-sexuais em sintonia com os princípios bíblicos e eclesiais. Assim, ser líder é governar a própria vida, “pensar grande”, sobretudo viver sobre o pastoreio de “outro”, para que possa se considerar uma pessoa que anda de acordo com os princípios cristãos e eclesiais, mais do que isso, também ser um *pastor de si*. Parece pertinente certa literatura sociológica que sugere que a inserção do indivíduo na sociedade ocorre na apropriação do social seguindo as regras sociais de modo inconsciente, ou seja, que as regras e estilos de vidas propostos pelo grupo façam parte do *habitus* do indivíduo, como sugere Bourdieu (1993).<sup>14</sup> Com base nas observações realizadas em espaços fora e dentro do templo da Sara Nossa Terra, considera-se que ser *pastor de si* significa que o fiel deve naturalizar os princípios sociais, tais como valores éticos e democráticos,

<sup>14</sup> Esses temas e formato são elucidados por uma pastora em uma gravação: “no discipulado individual, a gente trabalha com questões pessoais, então, têm pessoas que têm dificuldades, como essa que eu te falei, de “estou com

circunscritos e possíveis apenas dentro do programa institucional, além de princípios cristãos e eclesiais. Isso de modo que, no início da carreira do evangélico, sejam vividos conscientemente, mas que durante o longo, homeopático e interdependente processo de socialização, chegue ao inconsciente do cristão e o conjunto de símbolos componha todas as disposições do *habitus* do cristão/evangélico.

Os conteúdos dos discipulados coletivos (com os “doze” discípulos de cada líder) e individuais (líder e discípulo) giram em torno dos temas: amor ao próximo, relacionamentos entre líderes e discípulos cristãos e sociedade, a renúncia ao orgulho exagerado, egoísmo, suportar os defeitos das pessoas. Os conteúdos ministrados variam de acordo com o período, para atender às demandas daqueles que frequentam a igreja.

As ênfases podem variar, ainda, dentro dos aspectos sobre o tema família, como enfatizar mais o relacionamento entre pais e filhos, na perspectiva da submissão dos últimos aos primeiros, ou mesmo, o esforço evangélico dos filhos para a conversão dos pais. Essas demandas são “sentidas” com base nos discipulados individuais e coletivos realizados pelos pastores e líderes, que fazem chegar aos bispos nas reuniões de treinamento. Essas ênfases podem emergir de percepções da junta de bispos e bispas no Conselho Nacional da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, assim como da percepção própria dos presidentes da igreja. Desses últimos, há uma compreensão de que a visão ou ênfases transmitidas por eles têm um caráter mais espiritual, pelo fato de serem pessoas “ordenadas por Deus” para exercerem a condução da igreja em sua missão: “sara a nossa terra”.

Uma das maiores preocupações identificadas pela liderança eclesial e pelo pesquisador nos jovens que chegam à igreja é o fato de não poderem “transar” mais a partir da conversão. Para a pessoa deixar seu estilo de vida e aderir de fato à visão cristã, segundo um líder de jovens, a pessoa precisa se “apaixonar por Jesus”. Nesse sentido, o evangélico deve interiorizar o sistema simbólico representado por Jesus Cristo e sublimar os desejos. Assim, a igreja tenta criar nos jovens outras motivações não pautadas apenas em relações sexuais, e ocupando grande parte do tempo livre deles. Para que a adesão ao estilo de vida cristão aconteça é sugerido ao fiel que “seguir a Cristo é negar a si mesmo”, negar as possibilidades de desvio dos princípios cristãos e eclesiais. A idéia de “negar a si mesmo” não está relacionada ao senso-comum de que evangélicos não cuidam da beleza, são pobres, sisudos etc., mas, pontualmente, aos temas que persistem como gran-

---

dificuldade de romper profissionalmente”, tem outro que tem dificuldade de ter um bom relacionamento familiar, tem outro que tem dificuldade de não transar com a namorada, por exemplo, então, a gente vai trabalhando as dificuldades pessoais que normalmente são sigilosas, não é para a gente ficar abrindo em público, não é para sair dali a conversa”. Mais ou menos sigilosas, pois quando o líder não tem condições de resolver um problema ele passa a pessoa ou conversa com seu líder (às vezes, sem falar o nome) sobre o caso, a fim de obter informações com o objetivo de solucionar o problema.

des consensos que abrigam ainda os evangélicos sob o mesmo guarda-chuva, tais como o agendamento da sexualidade juvenil especialmente no que se refere ao exercício do sexo pós-nupcial e de gosto afetivo-sexual do sexo oposto.

A Sara aposta mais nos jovens para viabilizar o “ide” e ter mais ovelhas no “aprisco do Senhor”. Busca atraí-los com festas, atividades de lazer, esporte, eventos culturais, mas ao mesmo tempo lança de antemão a idéia que pauta o trabalho eclesial: os “jovens precisam de limites”.<sup>15</sup> Assim, os conteúdos ministrados a jovens e adultos são diferentes. Enquanto que para os primeiros se ministra mais sobre relacionamentos afetivos na perspectiva de um agendamento da sexualidade, para os adultos se investe na administração de relacionamentos já consolidados ou em crises matrimoniais (pessoas já casadas). Há uma diferença entre o discurso para o jovem e para o empresário frequentador dos cultos de segunda à noite e domingo de manhã e à tarde. Os pastores consideram que muitos jovens vivem em “famílias desestruturadas”, com pais usuários de drogas e separados. Consideram que a igreja pode contribuir para ascensão dos relacionamentos, bem como da vida profissional, escolar e afetiva. Segundo o bispo, “o jovem por mais que tenha limites sociais na vida dele, se tiver iniciativas corretas, ele vai ter uma mudança radical na vida dele”. Enfim, essas “atitudes corretas” são ensinadas pela igreja, que objetiva que os pais, a escola, a mídia e os grupos de amigos incentivem o jovem a vivenciar essas atitudes corretas. Afirma-se, aqui, a conexão de sentido de que se lançou mão anteriormente sobre a interdependência das instâncias e agentes da socialização visando à convergência de conteúdos e estratégias.

Assim, pastores e líderes (jovens e adultos) buscam mostrar as consequências dos desvios para seus discípulos. Quanto ao sexo pré-nupcial insistem que ele pode gerar consequências indesejadas pelos jovens e pela sociedade, tais como: gravidez precoce e não planejada, casamentos sem amor, perda de tempo para os estudos e formação profissional e da vivência da juventude (mas se for casado não perde?).

Há uma crítica em relação ao paternalismo estatal conessor de benefícios sociais invés do incentivo à criação de possibilidades de crescimento econômico e social pelas próprias forças do cidadão. Nessa perspectiva, se-

<sup>15</sup> Todos os informantes na posição de socializador (sejam eles jovens ou adultos, mulheres ou homens) apontam a noção de “colocar de limites” para os jovens, sendo a fala do próprio bispo da igreja, bastante elucidativa a respeito do tema: “O jovem como está num estado de formação de sua identidade, de sua personalidade, precisa ter limites mais claros. Essa é uma grande polêmica na igreja evangélica, você vai encontrar igrejas que são permissivas com o jovem e as que são muito rígidas. Existem dois extremos e nós questionamos muito isso, nós conversamos muito sobre isso, porque o adulto não adianta ensinar regras a eles, porque eles já têm a opinião formada, personalidade definida, mesmo que saiba da regra ele quebra com muita facilidade, ele, o adulto, está de posse, já de suas convicções e é bobagem ficar perdendo tempo, ele [o jovem] pode ouvir algo que choca a sua conduta, ele vai refletir e se aquilo for correto e ele concorda e muda.”

gundo o bispo, a igreja busca incentivar os jovens a cursarem o ensino superior e, ao considerar que o Brasil está inserido no capitalismo, aponta que os jovens devem usufruir do conforto da cidade de São Paulo e do país. Ser próspero, na fala do bispo, tem um fim prático: “comprar bons livros”, “fazer uma boa viagem”, comprar “um carro”. Para que a prosperidade seja realidade a igreja “desafia muito o jovem a crescer, sair de sua inércia, da sua passividade”. Não se pode perder de vista que a noção de prosperidade está assentada nas possibilidades de se usufruírem bens e símbolos comuns à classe média brasileira, tais como o turismo, consumo cultural, carro, atraindo um setor importante de jovens da periferia da cidade que almejam uma mobilidade social, econômica e geográfica.

Contraditoriamente (por vezes de modo complementar) aos interesses da igreja, estar inserido no capitalismo cria uma demanda pela ampliação do patrimônio. Segundo o bispo, a igreja “desafia” os jovens a pensarem em outros jovens, a terem um projeto de vida não egocêntrico que somente pensa em si, em patrimônios: “meu tênis, minha bermuda, minha camiseta, meu cabelo, minha turma”. O bispo aponta que o jovem convertido deve ter uma postura mais coletiva de cuidar dos outros, de construir sua trajetória bem sucedida e ao mesmo tempo incentivar que outros jovens tenham experiências próximas e possam dizer: “minha vida tem mais cor, tem mais sentido, eu vou atrás desse sentido”.

Nos cultos da Sara fala-se pouco na polarização entre céu e inferno, o conteúdo é mais voltado para um estilo de vida moderno, classe média, capitalista, não egocêntrico e profundamente evangelizador. Busca-se, então, produzir um jovem, um cidadão que viva, ou seja, pratique as regras sociais (leis vigentes no país, os princípios bíblicos e eclesiais).

A nossa preocupação é olhar para o futuro do jovem. Porque ele será um cidadão daqui a dez anos, daqui a quinze anos. Ele é o agente de transformação da nossa sociedade. Se nós ambicionamos sarar o Brasil, temos que sarar os jovens. Nós temos que preparar o jovem para ser o agente dessa cura. Então, nosso foco é ele. O adulto vai ser orientado, ajudado e fortalecido, mas nós não temos muita expectativa que o adulto seja esse agente, mas o jovem. Ele é o agente da transformação. Então, falamos a ele, do valor que tem para a sociedade, e apresentamos uma causa que vale a pena viver (Bispo).

Helena Abramo (2005) afirma que a juventude e a adolescência no Brasil são vistas como períodos de transição entre a infância e idade adulta, resultando numa noção de juventude como período preparatório, caracterizado pelo esforços de agências, como a família, a escola e o Estado na formação das disposições futuras do indivíduo para a vida adulta, por meio da ocupação do tempo. Outra noção presente na socialização na igreja, que se conecta às sugestões sociológicas de Abramo, refere-se à compreensão

da juventude como “etapa problemática”, foco que dominou as ações políticas nos anos 1980 e 1990, pensando os jovens com base nos “comportamentos de risco e transgressão”.

Uma terceira noção sobre a juventude, que parece relevante a ser conectada aos interesses desse trabalho, é a visão de que o jovem é “ator estratégico do desenvolvimento.” Essa noção vem sendo trabalhada em grande parte por órgãos públicos, em políticas dirigidas à juventude, por ONG’s e agências de cooperação internacional. A autora sugere que essa perspectiva pode “alimentar uma falsa polarização entre adultos e jovens”. Assim, percebe-se que a igreja, que de certa forma se afasta, aparentemente, dessas outras instituições, também tem seu trabalho de socialização pautado nessas perspectivas.

Como se evidenciou em outros escritos (GOMES, 2009), há uma percepção de que os jovens são “agentes de risco sexual”, os quais necessitam de mediadores que possam construir as estratégias de incorporação das disposições que compõem o agendamento da sexualidade proposto pela igreja. Compreendem que é necessário que o mundo adulto seja um bom referencial para os jovens à medida que serão eles os próximos socializadores. Nessa perspectiva, pensa-se a juventude como um “vir a ser”. Esse investimento maior nos jovens, por considerá-los agentes de transformação, por vezes, gera alguns conflitos com os adultos da igreja, não chegando a grandes embates, mas fazendo que a “auto-estima dos adultos fique para baixo”, como relatou uma pastora, pois “segundo eles (os adultos) a atenção da igreja volta-se para o jovens e os jovens têm mais pique” e disposição para conquistar novos fiéis e vitalizar a igreja. Nesse sentido, os jovens são vistos como agentes de transformação do cotidiano em “Reino de Deus”. O que significa isso? Significa que a igreja aposta no jovem como aquele que tem mais potencial que os adultos para transformar a realidade social, apontada como distante dos princípios bíblicos, buscando aproximá-la da pregação bíblica e eclesial. Nesse caso, é o jovem, tido como agente transformador, o porta-voz e mais eficiente instrumento para difundir a tradição.

Porque a Sara Nossa Terra tem um lado muito gerencial das coisas, essa coisa da liderança é uma coisa muito gerencial, uma visão de futuro mesmo. Então, no tempo que eu estive com meus amigos experimentando as coisas [drogas]... Eu parei e pensei: o que eu vou ser no futuro? Porque eu queria ser uma pessoa bem sucedida, e através do que eu aprendi na igreja, fui observar o que as pessoas bem sucedidas faziam. Tipo não tinha uma pessoa bem sucedida que era um drogado, um consumidor de drogas efetivo, que bebia todo final de semana e o resultado dessas pessoas era ruim. Essa formação, esse tempo na igreja, de ver as atitudes agora para pensar no futuro, me fez mudar os meus condicionamentos de hoje para pensar no amanhã. Posso tomar como base os meus amigos que cresceram e estudaram comigo, de todos eles, eu fui o primeiro que começou a trabalhar, de todos

eles, são uns oito, só eu e mais um, entramos na faculdade, sendo que este ainda entrou um ano depois de mim, dois ou três trabalham, e eles não sabem o que eles querem ser. Então, essa formação da igreja me fez saber o que eu quero para o futuro, foi uma referência no meu futuro e no meu presente. (Jovem rapaz – situação 1).

Meu líder falou uma coisa: “você é filho de Deus, as coisas já estão dispostas para você, depende de você. Você tem que fazer. Deus já fez a parte dele. Você não tem que ficar esperando Deus fazer, já está feito”. E isso é uma coisa que me marca muito, porque muitas pessoas, simplesmente, ficam esperando Deus fazer as coisas, só que Deus já construiu todas as coisas, então, isso é uma coisa que me marca, saber que as coisas já estão feitas, elas estão esperando que eu seja capaz de ou possuí-las ou chegar aonde eu quero chegar. (Jovem rapaz – situação 2).

A *Bíblia* é um livro repleto de personagens que vivenciaram, ao longo de suas histórias, desafios aparentemente intransponíveis. Contudo, em geral ao final de difíceis decisões ou sacrifícios obtêm a vitória e conquistam o alvo almejado, dentre eles, pode-se citar: No *Velho Testamento*: Abraão, José, Ester, Davi, no *Novo Testamento*: Jesus, os discípulos, Zaqueu, Paulo, dentre outros. Mesmo diante de erros, problemas, limitações sociais, esses personagens no final das narrativas e parábolas tornam-se pessoas bem-sucedidas. No tocante à Teologia da Prosperidade, autores da temática do pentecostalismo indicam uma mudança na postura de algumas vertentes pentecostais em relação à rejeição puritana da busca de riqueza e prazeres terrenos, comum entre os cristãos oriundos da Reforma Protestante, nesta perspectiva o pentecostalismo brasileiro, aqui e em outras partes do mundo, tem conquistado mais fiéis ao promover uma interpretação bíblica fundada na possível mobilidade econômica e social que os fiéis possam ter a partir da adesão aos princípios cristãos e eclesiais, especialmente no tocante ao compromisso a ser assumido na vida financeira e na colaboração com a manutenção e expansão das igrejas.

Qualquer leitor da Bíblia observará que, em casos como os de José do Egito, Ester, Sansão, Davi, o Filho Pródigo (muitos deles jovens), são desafiados a viver em determinadas experiências e crises, alguns por forças alheias, outros por escolhas próprias, “mal realizadas”, ou mesmo, por refutarem, em algum momento, os princípios sociais e bíblicos. Todavia, tais personagens, quando “revisam” suas escolhas e condições sociais, submetendo-as às determinações do Sagrado, reconstróem as possibilidades de vencer os desafios e todos “fazem um jóia” no final (ver nota 6). Os jovens são chamados a viver os desafios propostos pela igreja e serem bem-sucedidos. Contudo, diante das diversas influências que chegam a eles, possibilitando experiências divergentes, a igreja os desafia a observarem casos de

pessoas bem-sucedidas na vida cotidiana para que possam aproximar suas experiências.<sup>16</sup>

Nesta direção, faz-se necessária uma reflexão além dos conteúdos da socialização, mas sobre as relações sociais em que elas acontecem, a fim de refletir acerca das tensões existentes nesse processo, tendo em vista que essas relações sociais são a condição para que a socialização aconteça.

#### Cuidar de gente, cuidar de velhas

Como refletido até o presente momento: a socialização juvenil na igreja ocorre na relação entre pastor e ovelha, entre líder e discípulo, entre socializador e socializando. Essa relação ocorre mediada por conteúdos cristãos e eclesiais, ou seja, conteúdos que são oriundos da Bíblia e de uma literatura técnica que confluem para os propósitos da igreja. Nessa perspectiva, busca-se criar condições favoráveis para que os jovens “vençam” os desafios de serem bem-sucedidos na vida secular e eclesial, que aceitem o desafio de serem pastoreados por outro, de pastorar outras pessoas e, especialmente, serem *pastores de si*. Essa noção conecta-se à compreensão de Norbert Elias sobre o processo de socialização. Dubet (2002) ao comentar esse autor, sugere que “a socialização está concebida como um processo paradoxal de criação de condutas e de atores conformes, e de sujeitos conscientes de si mesmos, obrigados e com capacidade de serem livres e governar suas vidas” (p. 50). Enfim, demanda-se do fiel a capacidade de vivenciar experiências conforme princípios culturais propostos pela igreja, ao mesmo tempo em que faça uma autogestão de sua conduta.

Essas experiências socializadoras ocorrem de modo prático. Primeiramente, não se prepara a pessoa em cursos teológicos para depois exercer os ofícios pastoris. No caso da Sara, a consagração de um pastor e bispo acontece pelo reconhecimento da prática e da experiência acumuladas. O mais importante não é que o líder tenha cursos teológicos ou graduação em ciências da religião, como ocorre em outras denominações evangélicas. Na *visão G12* a estratégia de socialização e reconhecimento para a mobilidade no interior da hierarquia eclesial foca a prática, o exercício do ofício pastoral e não

---

<sup>16</sup> Os desafios para que os jovens sejam bem sucedidos chegam a todos os aspectos da vida, desde aspectos afetivos, passando pelos escolares, familiares, profissionais, sendo demandado um acompanhamento de todos esses aspectos por parte dos líderes para que os jovens sejam coerentes com o “estilo de vida bem sucedido” proposto pela Sara, como podemos observar na fala de uma líder de jovens. Ou seja, para ser um evangélico reconhecido pelas outras pessoas, ter legitimidade (“autoridade”) em falar do estilo de vida bem-sucedido precisa ser bem-sucedido em todas as áreas da vida: “Estou pensando aqui nas discípulas... Tudo porque a bispa [de outra cidade e estado] sempre ensinava a gente, ela falava no curso, “os jovens da Arena têm que ser os melhores em todas as áreas; você que é jovem tem que ser o melhor, o melhor aluno, você tem que ser líder e, então, tem que ser o melhor”; porque não adianta você tirar nota vermelha, tem que ter organização para cuidar da sua vida, palavra de Jesus e é isso aí. E eu falo isso para as minhas discípulas, tem uma menina que tira nota vermelha. Que autoridade ela tem? Porque nós que temos discípulas, eu sou líder para tudo, tudo. Eu pergunto para a [nome suprimido] e falo de minha preocupação com a família, namorado, com homem, sei tudo, eu pergunto mesmo. Perfeito só Jesus, mas tem que ir caminhando para a perfeição, tem que ser excelente, tem que ser”.(Líder de jovens).

apenas o conhecimento teórico. A igreja desafia os líderes, jovens e adultos, a aprenderem ao mesmo tempo em que exercem o trabalho pastoril.

Os jovens fizeram um vídeo e o exibiram aos demais em homenagem ao pastor, líder da equipe, por ocasião de seu aniversário. Após o encerramento do culto, a líder da equipe e esposa do pastor, distribuiu ovos de páscoa aos “direitos” (discípulos) dela e do esposo. Animados por ela a irem à festa de aniversário, caminharam até a Av. Paulista, “cantando uns rap”, “dançando uns break”, empurrando uns ao outros. Alguns jovens se dispersaram e outros seguiram até a comemoração. Depois de certo barulho na portaria do prédio, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, subiram ao terraço cedido por um jovem que mora na região do templo. Fomos a primeira turma a chegar à comemoração, fomos servidos. O garçom ofereceu “batidas sem álcool”, um jovem perguntou, brincando: “que horas que vem a batida com álcool”, todos riram, empurraram o menino dizendo para ele deixar de ser “bobo”, todos riam e se divertiam. Depois de uns trinta minutos, o bispo apareceu no elevador e os jovens começaram a cochichar: “O bispo, o bispo”, “vamos dar o lugar para ele”, mas foram avisados pela jovem organizadora da festa que tinha uma mesa reservada para ele. Logo, após servir o jantar, os Timóteos (discípulos), animados pela líder de jovens, ficaram na frente do salão. Depois de um empurra-empurra para saberem de quem seria o primeiro a falar ao pastor e eu, o pesquisador, sentado logo atrás dele tinha a mesma vista dos jovens que se pronunciariam. O primeiro a falar ressaltou a importância que seu pastor representava na sua vida, pois ele era sua “referência de homem”: “Como você sabe, eu não tenho tanta referência de pai. Você é minha referência. Eu quero reafirmar a minha aliança que eu fiz com você lá em Goiânia. Eu reafirmo o compromisso de te servir”. Seguido por outro jovem, também migrante goiano, dizendo que, quando decidiu vir para São Paulo, ele estava com a auto-estima baixa e foi o pastor que o fortaleceu e acreditou nele, fazendo o desafio para mudar de cidade e de vida. Nesse instante, o pastor se levantou, chorando, abraçou o jovem. Ao voltar ao seu lugar, riu apontando para mim disse: “olha o cara, está anotando, o cara está anotando... pode anotar aí eu chorando”. Vários jovens alternavam nas declarações de amor e felicidades ao pastor: informando por meio de frases: “você é meu herói”, “quero seguir os seus passos”, “onde você me mandar eu irei”, “você me fez olhar para o futuro”, “você me conhece mais que o meu pai”, “você me ensinou a amar as pessoas”. Além do empurra-empurra, duas falas se destacavam, uma, por um tom de homofobia e afirmação da masculinidade de gosto afetivo-sexual pelo sexo oposto, o jovem disse: “Não vou ficar com essas viadagens, mas eu te amo e você é muito importante para mim. Tá bom”, outra, de um jovem também do sexo masculino: “eu poderia dizer que te amo, mas quem morreu na cruz foi Jesus”, destoando da linha dedicatória em que seguiam os discursos. Dois casais de pastores e líderes de jovens, seguindo a tônica geral, disseram que admiram a espontaneidade do jovem pastor, que se espantavam com seu empenho e jeito de ser. Sendo finalizado pela pastora: “quando fomos para a Arena, eu fiquei pensando: nossa, será que eu vou ter o pique do pastor? Quando eu crescer quero ser igual a ele”. A sequência de falas foi finalizada com uma declaração do pesquisador e da esposa, respectivamente. O primeiro agradeceu a receptividade, os caminhos abertos ao trabalho de campo e cuidado do pastor para com ele. Em seguida, sua companheira trouxe à memória o tempo em que estão juntos, desde o namoro, o que ela aprendeu com ele a respeito da fé e de “ser uma família”. A homenagem foi encerrada com os jovens e a esposa entregando dois ternos como presentes. Ao terminar a festa, limpamos o salão, já eram 05h00 horas da manhã. Quando todos foram embora, o meu ônibus ia passando e disse: “perdi o ônibus”. A líder de jovens disse: “tenha fé e dá sinal”. Eu, desanimado, disse: “não, aqui em São Paulo é

diferente de Belo Horizonte, pois nunca param fora do ponto”. O pastor disse: “tenha fé e dá sinal que ele vai parar”. Dei o sinal e o ônibus parou. Despedimo-nos com o pesquisador gritando, já distante do casal: “Opa! Um milagre no trânsito da capital”. O pastor respondeu num pique de quem dormiu a noite toda, antes que o pesquisador adentrasse completamente no ônibus: “Tem que crê e fazer sua parte, tem que dar o sinal” (caderno de campo).

Nesse sentido, o circuito de cuidado é baseado na interação social entre os agentes que objetivam socializar e ser socializados, sendo composto por aspectos de *reciprocidade*, *interdependência* e *padronização*. No tocante à reciprocidade, o socializador e o socializando respondem à ação um do outro sob a forma de interdição e recompensa, por exemplo: não fazer sexo antes do casamento para ter uma vida bem sucedida, respeitar o líder para que seja reconhecido positivamente no interior da hierarquia eclesial. No tocante à interdependência, as ações de cada agente estão condicionadas à reação do outro. Por último, vem a padronização, visto que uma experiência bem-sucedida tende a ser reproduzida e imitada, como forma ideal de conduta.

#### SACERDOTES E PASTORES

Nos interesses deste texto, a diferenciação estabelecida na leitura weberiana acerca dos sacerdotes e dos magos nos conduz à compreensão mais nítida das práticas sacerdotais. Como exemplo disso, Weber (1999) considera que a tentativa de influenciar determinado deus ou demônio, por meio de coação ou súplica, seria uma questão de resultado. Portanto, na ocorrência constante da negação de resultados almejados, teria como razão o fato de o deus não possuir poder algum ou os meios adequados serem desconhecidos para influenciá-lo. Assim, a falta de êxito eventualmente condicionaria a morte do mago.

Numa direção oposta às implicações do fracasso na magia, os sacerdotes teriam a vantagem de passar para seu deus a responsabilidade pelo fracasso. Contudo, a queda no prestígio – no “Ibope” – do deus pode significar também desprestígio deles. A não ser que o sacerdote consiga encontrar meios de interpretação convincentes para a falta de êxito, de tal modo que a responsabilidade não recaia sobre o deus, mas sobre o comportamento dos leigos.

Em outros termos, como no caso de um determinado cliente de uma companhia telefônica que não conseguisse acessar sua secretária eletrônica e entrasse em contato com o *Serviço de Atendimento ao Cliente* – o tão conhecido SAC – para resolução do problema e a operadora de telemarketing buscasse no sistema a solução para sua demanda. Depois de certo tempo esperando uma resposta, ouvisse que não seria possível resolver o caso.

Quando questionada pelo cliente sobre a incompetência da companhia, a jovem operadora explicasse que havia sido realizada extensa busca no sistema, feita a verificação da linha e submetido à análise técnica e, mesmo assim, não fora encontrada solução, não havendo culpa alguma da empresa. Restaria, então, apenas a possibilidade de ser convencido de que o problema estaria no próprio aparelho telefônico do demandante. Com isso, o cliente deveria resolver o problema de seu aparelho. Enquanto que, no caso do leigo, na religião, este deveria rever, por exemplo, a intensidade de sua veneração ao deus, sua fé e sacrifícios atribuídos a ele, visto que, também nesse caso, a responsabilidade pelos pedidos não solucionados não seria incompetência nem do deus nem do sacerdote, restando apenas o próprio leigo como responsável pelo insucesso.

Os sacerdotes ocupam-se com a condução dos interesses dos leigos ao sagrado, sendo geralmente, indivíduos capacitados por um saber específico e com práticas religiosas reguladas. Outra característica associada ao sacerdócio é a existência de ambientes de culto, em combinação com algum aparato material de culto. Ainda, como empregados desempenham seu papel, seja este hereditário ou fundado em contrato individual, baseado em relações associativas de natureza qualquer.

Ainda dentro da perspectiva de tipos ideais, o sacerdote chama para si a autoridade por executar uma tradição sagrada e por ocupar cargo que o torna capaz de distribuir bens de salvação. Pode-se ainda inferir que, segundo Weber (1999), o sacerdote coopera na racionalização do ideário metafísico, assim como para a socialização de uma ética especificamente religiosa, de modo a impregnar nos leigos modos de conduta éticos por meio de um processo de socialização.

Para Weber, o trabalho religioso é desenvolvido pelos protagonistas do sagrado e, por assim reconhecer, parece que, no caso do protestantismo os funcionários profissionais do sagrado e fiel compartilham parte do trabalho religioso, sendo que no caso pentecostal é demandado do fiel maior empenho na “reivindicação” de benefícios para problemas do cotidiano e busca de manifestações espirituais. A relação com o sagrado tem recaído em grande parte nas próprias mãos dos fiéis, fazendo com que atuem correntemente como *sacerdotes de si*, e desenvolvam atividades particulares ao universo sacerdotal na influência do sagrado. Ciente desse fenômeno, não cabe como uma luva a colocação de Weber (1999) de que não há sacerdócio sem culto, mas há culto sem sacerdócio? Embora o culto sem sacerdote não possua o profissional há nele a presença de práticas sacerdotais efetuadas por aqueles que, com base nos tipos-ideais weberianos, seriam leigos e como se tem denominado ao longo deste estudo como os evangélicos e fiéis (*ovelhas*) que vivenciam a condição de serem *pastores de si*.

## PASTORES E SOCIALIZADORES EVANGÉLICOS

O protestantismo pentecostal no Brasil surge na década de 1910. Considera-se que esta vertente tenha passado, até o momento, por três grandes ondas, a saber, pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo, podendo a igreja estudada ser classificada nesta última onda (FRESTON, 1993).<sup>17</sup>

Entretanto, as três ondas apresentadas por Paul Freston configuram-se como categorias de classificação que facilitam a compreensão histórica desse movimento religioso. Embora esteja correto o ordenamento temporal do fenômeno em suas características fundamentais, é preciso levar em conta que essas ondas fazem parte de um oceano com colorações e níveis de salinização variáveis. Na observação mais focalizada do processo de consolidação do pentecostalismo no Brasil, esse ordenamento não se deu em concomitância exata, pois apresentou desdobramentos teológicos e critérios distintos de implementação das igrejas e de organização da hierarquia eclesial. Um cenário religioso heterogêneo, dinâmico e complexo. Assim, o pentecostalismo, em sua configuração neopentecostal, tornou-se temática atraente às pesquisas em ciências sociais, sendo pastores e fieis constantes sujeitos de estudos acadêmicos.

Nessa direção, Mariano (1999) considera que o aparecimento dos pentecostais na política partidária, no televangelismo, nos escândalos fiscais, policiais e políticos, envolvendo pastores e parlamentares, incentivaram significativamente os estudos sobre tal fenômeno religioso. Entretanto, há, ainda, diversos terrenos desse território que não foram alcançados pela observação acadêmica, dentre eles aquele relacionado às práticas sociais dos pastores pentecostais, seus registros eclesialísticos e educacionais.

No Brasil, percebe-se que a atuação de pastores evangélicos, especialmente pentecostais, tem promovido e consolidado uma cultura evangélica de massa, por meio de programas de televisão e rádio, jornais, periódicos, megashows, cruzadas evangélicas, músicas etc. ou por estratégias de multiplicação no moldes da *visão G12*. Os ambientes de culto mudaram e foram incorporados novos aparatos materiais. Ampliaram-se os mecanismos de difusão dos saberes específicos pastoral, tais como métodos, possibilidade de interpretação da Bíblia, acesso a dicionários em grego e hebraico que

---

<sup>17</sup> O neopentecostalismo seria, então, a terceira onda pentecostal. Teve início na segunda metade da década de 1970 e se fortaleceu no decorrer das décadas de 1980 e 90. Seu surgimento ocorreu em um período em que o Brasil vivia a ditadura militar. Nesse contexto, surgem algumas denominações que vão dar a tônica pentecostal até nossos dias. As igrejas “Universal do Reino de Deus (1977, Rio de Janeiro), Internacional da Graça de Deus (1980, Rio de Janeiro), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, Goiás) e Renascer em Cristo (1986, São Paulo), fundadas por pregadores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais” (MARIANO, 1999, p. 32).

tornam possível o contato com as escrituras originais da Bíblia, acesso a cursos de teologia ou cursos rápidos de treinamento de lideranças. Se constatados saberes específicos dos pastores, certamente tais saberes vêm sendo em grande parte democratizados, por meio das mídias; instrumentos que gestam o entusiasmo pentecostal. Com isso, mostram-se capazes de pentecostalizar os rituais e celebrações não apenas de suas denominações e igrejas, mas de grande parte do campo protestante brasileiro – inclusive o tradicional-histórico – e até mesmo do catolicismo.<sup>18</sup>

Um primeiro aspecto considerado relevante para nossa discussão refere-se ao forte traço cismático dos protestantes.<sup>19</sup> Se ocorrer algum problema divide-se; se não houver sintonia entre os membros e pastores ou entre os líderes da igreja, promove-se a separação. O cisma nem sempre se origina de diferenciação exatamente teológica, pode ocorrer pela existência de tensões insustentáveis relacionados à hierarquia, à autoridade dos pastores, às interações sociais e aos métodos adotados dentro e fora do ambiente de culto. Em consequência, os sujeitos rebelados criam novas denominações, congregações, comunidades, igrejas e templos que, no fundo, podem estar buscando maior liberdade e poder não gozados no grupo religioso anterior ou, até mesmo, um meio de aproximação do sagrado que lhes pareça mais eficientes. Pastores podem romper com as ovelhas de seu aprisco e passar a pastorear outras ovelhas e ovelhas de um aprisco migrar para outros apriscos na busca de um tipo de alimento ou espaço que lhes seja mais favorável.

Em direção próxima, Negrão (2005) aponta que o processo de secularização no Brasil não teria ocorrido em sua plenitude, pois há uma persistência de elementos mágicos em certos cultos religiosos brasileiros. Se assim se entende o processo de secularização e se relaciona esse entendimento com o processo de racionalização estudado por Weber (1999) na diferenciação entre sacerdotes e magos e, ainda, combinado com informações empíricas acerca dos protestantes pentecostais, pode-se sugerir que entre os pentecostais há existência de práticas próximas à magia. Nesse contexto, os pastores figuram como os principais responsáveis pela coação do sagrado, obviamente que não como agentes exclusivos, pois, como se argumentou anteriormente, no protestantismo os saberes específicos dos profis-

<sup>18</sup> Refere-se ao movimento de Renovação Carismática, impulsionado por setores leigos e estimulado, com ressalvas, pelos líderes da Igreja. Por exemplo, Padre Marcelo Rossi, cantor e animador, é um de seus principais porta-vozes, utiliza diversas mídias – televisão, rádio, música, cinema – para divulgação do catolicismo renovado pelo carisma.

<sup>19</sup> Ressalta-se que o cisma é também um desdobramento da maior autonomia alcançada pelo cristão protestante na sua relação com o sagrado desde a Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero, no século XVI. Por meio da Reforma o cristão passa a ter em suas mãos o peso de sua própria salvação. Ele é sujeito do processo de salvação e da interpretação das “Sagradas Escrituras”, viabilizada mediante a tradução, em diversas línguas, dialetos e da divulgação por todo mundo. Lutero, segundo Karl Marx, “venceu a servidão pela devoção, restaurou a autoridade da fé e libertou os homens da religiosidade externa, porque interiorizou a rel

sionais do sagrado podem ser apropriados pelos fiéis. Esse fenômeno fortalece e corresponde em parte à ideia do sacerdócio leigo, traço relevante do cristianismo protestante. Ou seja, todos os crentes podem de algum modo realizar funções sacerdotais, antes prerrogativas restritas aos sacerdotes do templo de Israel. Por meio da *visão G12*, apresentada anteriormente, a Sara optou por ter em seu rebanho pastores de destaque, que são referência administrativa, moral, ética, política para seus fiéis, mas que os demais fiéis, por algum momento de sua vida, possam exercer o ofício de pastor de um pequeno grupo de doze ovelhas ou ainda individualmente possam ser pastores de si.

A igreja busca socializar os evangélicos para disporem de condutas e modos naturalização dos princípios bíblicos e eclesiais. O processo de socialização, no caso protestante, tem os pastores como seus principais agentes socializadores, que por sua vez, tendem a incorporar aspectos da profissão docente e se articular a uma lógica de ação educativa, baseados na motivação, correção, ensinamento e avaliação.

Com base na perspectiva dos tipos ideais weberianos, entende-se que o sacerdote chama para si autoridade para executar uma tradição sagrada e por ocupar cargo que o torna capaz de distribuir bens de salvação. É esse um ponto de conexão entre Max Weber (1999) e Peter Berger (1985). Os pastores empenham-se na transmissão de costumes, valores e crenças, a fim de que os fiéis se apropriem de tais elementos como coisa evidente e inevitável que deve ser interiorizada. Sacerdotes e pastores buscam ratificar o tempo todo e a cada momento o peso da autoridade atribuído por seu cargo e função. Tendo em vista a *visão G12*, isso tende a se replicar na base da igreja. No caso dos jovens busca-se estimular uma interiorização dos sentidos atribuídos aos vários ramos da vida baseados nos princípios contidos no programa institucional de socialização de forma que sejam capazes de sublimar os demais ramos contraditórios ao que é proposto pela igreja.

De um lado, Weber (1999) sugere que os sacerdotes instruem os leigos a uma racionalização ética, de outro, Berger (1985) sugere que a religião impulsiona parte importante da ação humana da construção do mundo. Considera-se que esse empreendimento relacional do indivíduo com o mundo e do mundo com o indivíduo apresenta parâmetros evidentemente éticos. Assim, entende-se que os pastores protestantes são portadores de certa autoridade social ou, mais precisamente, entende-se que são agentes socializadores. Ao proporem transmitir regras, condutas, modos de vida, o “*nomos*”, os pastores propõem aos evangélicos condicionamentos éticos sistematizados ou, ainda, formas de conceber o mundo. Por sua vez, os evangélicos são convidados ao dever de se atentarem positivamente às propostas e às estratégias socializadoras pastorais, dada a necessidade de os cristãos (tipo-ideal) viverem conforme os princípios sagrados no cotidiano da sociedade e, com base neles, construírem a realidade objetiva pautada no cristianismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- CÉSAR, Elben M. L. *Conversas com Lutero: história e pensamento*. Viçosa: Ultimato, 2006.
- DAYRELL, Juarez T. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 5/6, n. 24, p. 40-52, 2003.
- DUBET, François. *Le déclin de l'institution*. Paris: Seuil, 2002.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GOMES, Elias E. *Dá vontade de pular, dá vontade de dançar: apontamentos etnográficos sobre práticas culturais juvenis em uma igreja pentecostal*. 2006. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- \_\_\_\_\_. Jovens que soltam o som do céu na terra: apontamentos etnográficos sobre um grupo de louvor. *Revista Três Pontos*. Belo Horizonte, v. 1, n. 6, p. 27-34, 2007a.
- \_\_\_\_\_. No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens pentecostais. *Cadernos CERU (USP)*, n. 18, p. 68-78, 2007b.
- \_\_\_\_\_. *Socialização do corpo. Socialização do espírito*. In: III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos Culturais e Híbridos, 2009. Anais. Campo Grande: UFMS, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Ensaios etnográficos sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé: “vem, você vai gostar!”*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Nem “jardim encantado” nem “clube dos intelectuais desencantados”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, Anpocs, v. 20, n. 59, p. 23-36, 2005.
- ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1993. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- SALEM, Tânia. Filhos do milagre. *Ciência Hoje*, São Paulo, SBPC, v.5, n. 25, 1986.
- SETTON, Maria da Graça J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social*, São Paulo, FFLCH-USP, v.17, n.2, p. 335-350, nov. 2005.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1991. v. 1.
- Vídeos consultados:
- QUINTÃO, Leonardo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yG-j6PcJYQY&feature=related> – Acesso em: 30 nov. 2008.
- CAVALCANTE, Tom. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JroRs8SnnvI> – Acesso em: 30 nov. 2008.